

ESPECIAL

# REDESCOBRINDO O BRASIL



Esta é a 43.ª reportagem da série em comemoração aos 500 Anos do Descobrimento, e não a publicada no domingo anterior, dia 5, conforme saiu publicado.

Nesta edição, a repórter Rebeca Kritsch e o repórter fotográfico Robson Fernandes mostram a beleza dos guarás-vermelhos e a dificuldade dessa espécie, já ameaçada de extinção, em sobreviver na Ilha Canelas, no Pará.



## A sobrevivência no Sudeste do País

O guará-vermelho vem resistindo aos desastres ambientais também no Sudeste do País. Mas não está livre da ameaça de extinção. Atualmente, há uma população estimada em 500 aves na Baixada Santista, entre Santos e Cubatão. Mais precisamente, no manguezal do Rio Morraão, junto ao terminal portuário da indústria Ultrafertil, segundo o biólogo e consultor ambiental Fábio Olmos.

O biólogo, que pesquisa a espécie desde 1993, informa que há registro fotográfico dos guarás nesse local de junho de 1986, quando se contou 82 aves. Em 1997, a população havia subido para 575, a despeito da poluição ambiental local.

O problema é que, de 97 para cá, não nasceu mais nenhum guará no mangue do Rio Morraão e alguns morreram naturalmente ou foram mortos por caçadores. "Em novembro de 97, as aves haviam começado a construir seus ninhos no manguezal, mas o bando abandonou o local após um ataque de caçadores", conta Olmos. Ele explica que, nessa época, foi achada uma ave morta a tiros no local, situação que se repetiu no ano seguinte, na fase de reprodução (novembro a março). "Alertamos a Polícia Florestal e o Ministério Público sobre o fato e pedimos proteção à área, em vão."

A bióloga da prefeitura de Cubatão, Maria do Carmo Araújo Amaral, também teme pela diminuição da espécie na região. Ela conta que, desde junho, está parado na Câmara um projeto que visa a criação de uma fundação para proteger o guará-vermelho. "Quem está perdendo é a natureza." (Elenice Brígida Lombardo)



"A movimentação de pessoas em lazer no local (Canelas) e seu contato com os ninhais têm feito diminuir o número de guarás que usa a ilha como área de reprodução e berçário"

Inocêncio Gorayeb, pesquisador da área de Zoologia do Museu Emílio Goeldi, em Belém



"Não sabemos com quem está a administração da ilha, se com o governo federal, estadual ou a gente"

Celso Orlando da Silva Leite, vice-prefeito e secretário de Turismo, Indústria e Comércio de Bragança



"É um dos maiores espetáculos que eu já vi (os guarás voando em 'v', ao pôr-do-sol)"  
Inocêncio Gorayeb

# GUARÁS

## A exuberante ave vermelha procura novos ninhais

Ameaçado de extinção, o guará-vermelho, que vive no mangue, troca a Ilha Canelas, no litoral do Pará, que já foi o maior reduto de reprodução da espécie no mundo, por Áreas de Proteção Ambiental no Estado

"A população está definhando", afirma o pesquisador Inocêncio Gorayeb, de 48 anos, da área de Zoologia do Museu Emílio Goeldi, em Belém, no Pará.

De acordo com o último censo, realizado em 1995, havia em Canelas uma população de cerca de 10.000 guarás. Não há levantamento recente mas, segundo Gorayeb, "estimativas visuais" indicam que o número dessas aves diminuiu.

"A movimentação de pessoas em lazer no local e seu contato com os ninhais têm feito diminuir o número de guarás que usa a ilha como área de reprodução e berçário", explica o pesquisador. As aves também usam Canelas e a vizinha Ilha Maciel como dormitório.

Canelas é uma ilha oceânica localizada a distância de 4 quilômetros do continente, próximo de Ajuruteua, vila que pertence

ao município de Bragança. Com 363 hectares, a ilha abriga cerca de dez famílias, segundo a prefeitura. Os moradores vivem em ranchos, pequenas cabanas de madeira suspensas e abertas. Tiram o sustento da pesca. Às vezes, comem guará. Também vendiam filhotes, até a proibição desse tipo de comércio, imposta há três anos. Ainda assim, ocasionalmente, aparecem exemplares à venda nas feiras de Bragança.

### Rota turística

A morada das aves é um dos passeios mais comentados em Ajuruteua, cuja praia de areia branca e fina e águas claras é frequentada, principalmente, por turistas paraenses. Pescadores e donos de pousada apressam-se em arranjar visitantes para o lugar. Para ir até Canelas, basta alugar um barco, ao custo de R\$

70,00, e esperar até que a maré suba e encha o mangue. Só então a embarcação, estacionada nos canais, pode alcançar o Atlântico.

Instalados na vegetação próxima da margem, os guarás-vermelhos e seus ninhos são fáceis de encontrar. Qualquer um pode parar na ilha, quando quiser. O chefe da Divisão de Unidade de Conservação da Natureza da Secretaria Estadual de Ciên-

cia, Tecnologia e Meio Ambiente, Antônio Augusto Ferreira Filho, de 44 anos, diz ter instalado placas avisando que a população de aves de Canelas está ameaçada de extinção. No entanto, a reportagem do Estado não encontrou nenhum desses avisos na ilha. A explicação veio dos pescadores, que disseram ter retirado as placas, muitos delas já estragadas.

### Sem proteção

Em 1995, a secretaria elaborou um projeto para transformar Canelas - que abriga também garças e taquiris - em santuário ecológico, mas a ideia foi abandonada. "O governo não tocou adiante e o município logo de imediato não se interessou", informa Gorayeb.

De acordo com Ferreira Filho, Bragança precisa transformar a ilha em Área de Proteção Ambiental (APA) e assumir par-

te da fiscalização. "A cidade tem de disponibilizar a guarda municipal", afirma. "Não temos condições de fiscalizar sozinho." Ele informa que a secretaria estadual oferece apoio técnico e logístico para a realização desse controle.

A prefeitura de Bragança "devolve" ao governo a responsabilidade por Canelas median- te a administração da ilha, se com o governo federal, estadual ou a gente", diz o vice-prefeito e secretário de Turismo, Indústria e Comércio, Celso Orlando da Silva Leite, de 41 anos. Num dos intervalos de seu programa na mais tradicional rádio AM da cidade, Leite falou sobre a ilha: "Estamos esperando uma definição sobre quem vai tomar conta." Mas, se Bragança tiver de fiscalizar, avisa o vice-prefeito, vai precisar de ajuda. "O município é pobre, não temos condi-

ções de colocar guardas, lanchas, viaturas."

De acordo com Leite, para coibir o contato do homem com os ninhais, a prefeitura só permite visitas a Canelas mediante autorização. A questão é que o vice-prefeito disse isso ao Estado depois de a reportagem ter passado duas noites na ilha, sem informar ou pedir permissão a ninguém, uma vez que essa exigência é desconhecida em Ajuruteua.

### De mudança

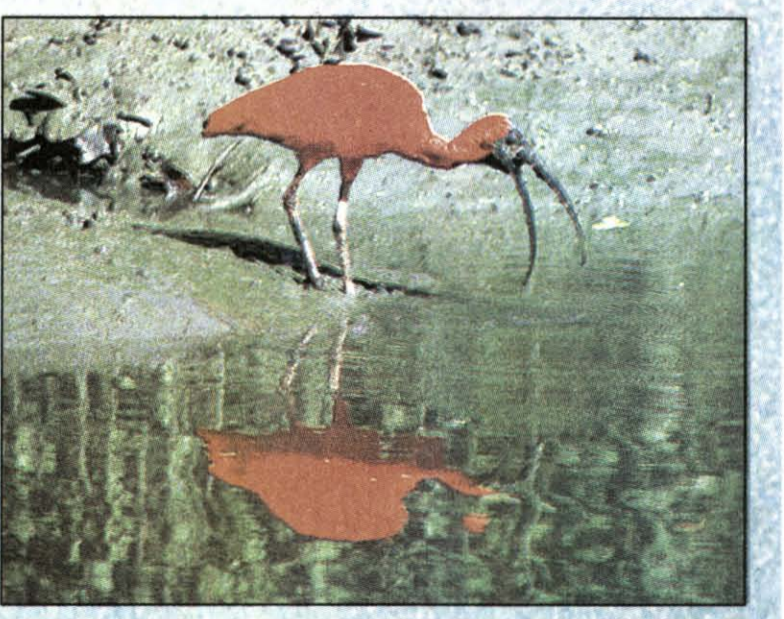
Dois municípios vizinhos, Vizeu e Augusto Corrêa, transformaram suas ilhas em APAs. Com essa medida, conseguiram atrair os guarás e, agora, as duas cidades guardam os maio-

res ninhais do mundo da espécie. "O ninhal de Vizeu é hoje maior que o de Canelas", diz Gorayeb. Também não há levantamento recente da população de guarás-vermelhos no local. "Mas, visualmente, a população é muito grande."

Na Ilha Filipa, no município de Augusto Corrêa, a natureza fez um dos melhores arranjos para a sobrevivência dos guarás. A área não tem praias, só mangue. "Não tem lugar para o homem se instalar", explica Gorayeb.

### Espectáculo

Os guarás passam o dia no mangue, abundante, na beira do continente - a vegetação ocupa 10% da área de Bragança e 22% de Augusto Corrêa. As



aves saem de Canelas pela manhã, por volta das 5h30. Retornam no fim do dia, entre 18 horas e 18h30. Ao pôr-do-sol, chegam em bandos, voando em "v", e tingem a paisagem de vermelho.

"É um dos maiores espetáculos que eu já vi", diz Gorayeb. O guará só ganha a penugem avermelhada e as manchas pretas na ponta da asa quando atinge a idade adulta, por volta dos 2 anos, fase em que mede cerca de 40 centímetros. Quando filhote, é preto. Na adolescência, é marrom e já voa. Tem bico longo e curvo, que se assemelha a um canudo, perfeito para buscar nos buracos os caranguejos de que se alimenta. Não canta. "Faz apenas uns barulhos, uns grunhidos", conta Gorayeb.

De novembro a março é a época de reprodução dos guarás. Os machos continuam a buscar alimento no mangue, mas retornam aos ninhais, infan-

livelmente, no fim do dia. Em outros períodos do ano, segundo Gorayeb, os guarás-machos podem adotar outros locais como dormitório. "Principalmente onde o mangue ainda se está formando."

**Diziminação**

De acordo com Gorayeb, a espécie espalhava-se do Caribe à Argentina. "Por causa das interferências do homem na região costeira, nos manguezais e nas restingas, o guará foi dizimado em vários locais." Hoje, a ave habita as Guianas (França e Inglaterra), o Suriname e a Costa Amazônica.

E, no Brasil, ainda há gua-